

Um olhar sobre a hospitalidade em Pelotas/RS a partir dos sujeitos em processo de envelhecimento

DALILA MÜLLER

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

DALILA ROSA HALLAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL)

UM OLHAR SOBRE A HOSPITALIDADE EM PELOTAS/RS A PARTIR DOS SUJEITOS EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população brasileira acontece de forma acelerada. Esse aumento vem sendo uma realidade na maioria dos países, no entanto, pouco tem sido feito para responder às necessidades dessa futura maioria. Nossa sociedade ainda é carente de espaços públicos pensados também para essa faixa etária. Observando os espaços públicos existentes em Pelotas, nos parece que são, em sua maioria, excludentes e nem um pouco convidativos a algumas parcelas da sociedade, entre elas, os idosos.

De que forma a cidade de Pelotas recebe seus idosos? Pelotas pode ser considerada uma cidade hospitaleira para os idosos? Como os idosos residentes em Pelotas veem os espaços públicos da cidade? Essas questões norteiam este trabalho, que tem por objetivo analisar a hospitalidade nos espaços públicos de Pelotas a partir de sujeitos em processo de envelhecimento.

De acordo com Grinover (2009), o estudo da cidade e sua relação com a hospitalidade é de suma importância, pois os estudos acerca dessa temática buscam entender o significado e o envolvimento dos fenômenos que estão presentes no cenário urbano.

A cidade é um espaço que pode transmitir diversas sensações, como bem estar e acolhimento, porém, pode também despertar sensações opostas, tanto para os que vivem, como para os que visitam determinada localidade. Além disso, “a verdadeira riqueza, ou identidade, dos lugares não está nas suas potencialidades materiais, mas sim na forma como são apropriados, percebidos, desfrutados, amados, e, sobretudo, partilhados” (BAPTISTA, 2008, p. 6-7).

Tomando por base o processo de envelhecimento da sociedade, percebemos que esse segmento social está, muitas vezes, resguardado em suas residências ou casas de repouso, o que ocasiona um certo isolamento e uma falta de oportunidade de usufruir da cidade, enquanto espaço de socialização.

As pessoas idosas encontram-se segregadas da sociedade, algumas até destinadas a relacionarem-se, em seu dia a dia, apenas com cuidadores ou outros idosos. Pessoas mais velhas, ativas, não encontram muitas vezes em suas próprias cidades espaços, nem estrutura para exercer seus direitos, sua cidadania, ocasionando uma exclusão. Nesse sentido, as cidades não têm sido produtoras de espaços públicos inclusivos, acessíveis e convidativos, evidenciando-se grande necessidade de criação de novos espaços públicos devido ao progressivo envelhecimento da população.

Essa grande quantidade de idosos nas cidades torna pertinente uma maior atenção a este segmento social não observado com seu devido valor pelos planejadores urbanos, pelas políticas públicas e até mesmo pela sociedade. Logo, torna-se necessário estudar não só suas necessidades e o uso dos espaços públicos, mas também as suas percepções e experiências nesses lugares.

HOSPITALIDADE PÚBLICA

Com o envelhecimento da população, pesquisas relacionadas à velhice estão mais evidentes no Brasil. Este número tem crescido e traz a tona discussões referentes à sua participação nos espaços públicos das cidades, uma vez que esse segmento social vem necessitando de uma maior atenção da sociedade como um todo. Nesse sentido, se faz

necessário estudar as políticas públicas, os usos dos espaços públicos, bem como suas percepções e experiências nesses lugares a fim de verificar a hospitalidade das cidades para com seus idosos.

Em função do aumento do número de idosos, é necessário que as cidades implementem políticas, planos e ações que viabilizem a esse segmento social condições de ampla participação na sociedade. A Constituição Federal de 1988 assegura o direito de igualdade a toda a sociedade.

A Política Nacional do Idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade (BRASIL, 1994). Essa lei, no Art. 3º, trata dos princípios que regem a Política Nacional do Idoso, destacando: “ I - a família, a sociedade e o estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida” (BRASIL, 1994). Uma das conquistas foi a elaboração do Estatuto do Idoso em outubro de 2003 (Lei nº 10.741/2003).

Desse modo, a legislação brasileira, através de suas ferramentas legais, a Constituição Federal, a Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso garantem a dignidade da pessoa idosa, amparando-lhe legalmente quanto às suas necessidades. O idoso tem que ser colocado como sujeito participativo da sociedade, e para isso o mesmo precisa exercer a sua cidadania.

Entretanto, embora o idoso tenha assegurado por lei os seus direitos, estes são, muitas vezes, negados pela própria família, pelas instituições públicas e pela sociedade em geral que trata a pessoa idosa com desrespeito.

Sabe-se que nesta fase da vida há um aumento de tempo livre, o que torna ainda mais relevante incluir o idoso em atividades sociais e culturais, oportunizando uma maior convivência social, melhorando a qualidade de vida, possibilitando um desenvolvimento pessoal e social.

Os espaços públicos da cidade devem se constituir em um ambiente que propicia aos cidadãos “à acessibilidade a todos, onde se possam interagir entre si livremente, a despeito de sua condição social” (SILVA, 2011, p. 15). Nesse sentido, os espaços públicos devem ser apropriados, usufruídos e partilhados por todos, aspectos esses determinantes para a inserção do idoso nas cidades, relacionados com a hospitalidade urbana.

Camargo (2003, 2004, 2008), Grinover (2006, 2007) e Ferraz (2013) são referências no Brasil no estudo da hospitalidade a partir de diferentes aspectos, que envolvem tanto questões de história quanto de arquitetura e turismo voltados para a hospitalidade.

No que se refere aos estudos sobre hospitalidade urbana, Junqueira e Rejowski (2010), alegam que esses podem:

[...] instigar uma reflexão sobre o planejamento e gestão de cidades, desde as pequenas até as metrópoles, nas quais a qualidade de vida de seus residentes e, em extensão, de seus visitantes, deve ser respeitada e valorizada em todos os aspectos. (JUNQUEIRA; REJOWSKI, 2010, p. 15).

Assim, a hospitalidade urbana é um importante aspecto para se pensar a gestão urbana das cidades quando se quer priorizar o bem viver na cidade. Grinover (2007) considera a gestão urbana como:

[...] um processo que procura interferir sobre o conjunto das atividades públicas e privadas que têm consequências no espaço urbano; interfere sobre as iniciativas do setor público e privado; busca o apoio e a colaboração da comunidade para a definição de diretrizes básicas do desenvolvimento da cidade; procura desenvolver a capacidade técnica e organizacional para administrar os conflitos de interesses que emergem na produção e no

consumo do espaço urbano construído, e procura coordenar, bem como implementar, todas as atividades relacionadas com a hospitalidade. (GRINOVER, 2007, p. 106-107).

Sendo assim, o gestor público é o principal anfitrião da cidade, responsável pela organização do espaço urbano (FERRAZ, 2013). Segundo a autora, constitui papel do administrador público prover iluminação, segurança, bem como atividades diversas aos cidadãos. Assinala também que é dever deste propiciar uma cidade acolhedora e agradável para se morar, passear e trabalhar (FERRAZ, 2013).

Para Camargo (apud DENARDIN; SILVA, 2012), a hospitalidade urbana pode ser compreendida tanto no cotidiano da vida urbana, privilegiando os moradores, como na dimensão turística e na dimensão política mais ampla. Grinover (2007) afirma que são os espaços públicos:

[...] que dão a qualquer conglomerado urbano a possibilidade de várias experiências espaciais, em terras de vivências humanas e de prazer estético; onde se possibilitam e se exercitam a escolha, a liberdade e a hospitalidade. (GRINOVER, 2007, p. 160).

Outro aspecto relevante da hospitalidade no espaço público se refere a complexidade na definição dos agentes da hospitalidade urbana (SEVERINI, 2013). Para a autora, primeiramente deve-se refletir sobre o hóspede urbano, o qual pode ser tanto o morador quanto o turista, visto que esta categoria engloba todos os que consomem ou vivem a experiência da cidade, pois, não se trata de afirmar que o morador seja turista, e sim “tratar turistas e moradores como sujeitos da mesma atividade, convivendo em suas experiências urbanas e compartilhando espaços e serviços urbanos.” (SEVERINI, 2013, p. 89).

Após refletir sobre o hóspede, deve-se discutir sobre quem é o anfitrião urbano, o que “exige um raciocínio que vai além das questões sobre hospitalidade. Antes é preciso entender as características desse espaço e de quem é esse espaço” (SEVERINI, 2013, p. 89). Além disso, Prado e Franco (s/d) destacam que a população local não deve ser marginalizada e deve ser sensibilizada acerca da importância do bem receber no processo do acolhimento.

Segundo Camargo (2003), a hospitalidade é um fenômeno social que se manifesta em contexto doméstico, comercial ou público. Nesse sentido, a cidade como lugar hospitaleiro é objeto de estudo da hospitalidade pública. Segundo Severini (2013):

[...] dentro da esfera da hospitalidade pública pode-se estudar desde as questões relacionadas aos domínios do Estado, como os assuntos ligados aos contratos comerciais, a legislação sobre estrangeiros e outros assuntos diplomáticos, até as questões relacionadas ao espaço físico da cidade e as relações que se estabelecem nas ruas – normalmente tratadas na esfera da hospitalidade urbana. (SEVERINI, 2013, p. 89).

O estudo sobre o uso dos espaços públicos pelos idosos se refere à hospitalidade urbana. Para Severini (2013), a hospitalidade urbana deve ser utilizada como uma das formas de facilitação na aproximação e convívio do indivíduo com os outros. Também, pronuncia-se acerca da importância de se investir em espaços públicos de qualidade, com condições de receber e entreter moradores e visitantes. Além disso, assinala que novas soluções devem ser pensadas no que tange ao convívio entre os homens e sua relação com o espaço construído (homem x espaço).

O espaço público deve ser partilhado por todos, incluindo as pessoas idosas e, para que isso ocorra, a hospitalidade urbana deve ser levada em consideração, pois:

O fato de um cidadão entrar na velhice não significa descompromisso com a participação, nem renúncia aos direitos de cidadania, embora ocorram diversas mudanças em sua vida, entre elas, o afastamento das atividades de trabalho, em virtude da aposentadoria. Conviver com pessoas que estejam na mesma fase da vida pode oportunizar momentos de reflexão e debate sobre as perdas e ganhos associados ao processo de envelhecimento e, também, sobre as potencialidades, as perspectivas futuras, as possibilidades de exercício pleno da cidadania, que fomentem sentimentos de pertencer e que abram caminhos para a participação mais ampla na vida social. (BULLA; SOARES; KIST, 2007, p. 174).

Atualmente, grande parte dos idosos não quer mais ficar em casa, reclusa, quer participar de espaços públicos que lhe proporcione convivência. Desse modo, às pessoas idosas deve ser dada a possibilidade de se posicionar a respeito de que espaço público urbano se quer.

METODOLOGIA

Para a elaboração deste estudo utilizamos um formulário criado através do Software Aplicativo *Google Docs*, uma tecnologia da *web*, contendo três questões fechadas relacionadas à idade, gênero e local de moradia e quatro questões dissertativas sobre o uso dos espaços públicos, visando analisar a hospitalidade em Pelotas a partir do idoso.

O formulário foi postado no *Facebook*, com um chamado para nossos sujeitos de pesquisa contendo o *link* que direcionava os mesmos ao formulário – *Google Docs*, juntamente com o pedido de que o mesmo fosse respondido exclusivamente por pelotenses acima de 60 anos de idade. O formulário ficou disponível durante dez dias para acesso e resposta. Após análise dos formulários respondidos, foram selecionados, para este trabalho, 30 formulários válidos. É importante destacar que este grupo não representa os idosos residentes em Pelotas, mas, contribuem para se pensar a hospitalidade nos espaços públicos da cidade.

Os sujeitos participantes têm entre 60 e 91 anos de idade, provenientes das diferentes áreas de Pelotas, entre eles, Pestano, Areal, Cohab Tablada e Centro. Quanto ao gênero, a maioria (76,7%) é feminina e 23,3% se declaram masculino. No texto, as respostas dos participantes estão destacadas em itálico, porém, não identificando os respondentes.

HOSPITALIDADE EM PELOTAS/RS A PARTIR DOS SUJEITOS EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

De acordo com os sujeitos da pesquisa, a hospitalidade compreende o ato de bem receber, acolher. O próprio termo hospitalidade provém do latim *hospitalitas-atis*. A percepção de hospitalidade pode significar ato de acolher, hospedar, recepção, a qualidade do hospitaleiro, tratamento afável, cortês. Desse modo, a hospitalidade urbana “está ligada ao ato de acolhimento, boas maneiras, cortesia da cidade.” (PINHEIRO et. al., 2017, p. 84).

A hospitalidade, conforme os sujeitos, também está relacionada com as virtudes do anfitrião, tais como: educação, simpatia, cordialidade, solicitude, atenção, cortesia, recepção, gentileza, respeito, amabilidade, agradável, utilidade, generosidade. O que é compartilhado por Boff (2005) que destaca algumas atitudes e comportamentos da hospitalidade, entre eles: a boa vontade incondicional, a acolhida generosa, a escuta

atenciosa, o diálogo franco, o negociar honesto, a renúncia desinteressada, a responsabilidade consciente e a relativização corajosa.

Outra questão destacada refere-se ao ato de receber bem ao visitante, o termo relacionado a aquele que vem de fora: “*É a condição que uma comunidade tem de receber visitantes – esteira de lazer, hospedagem, atrações turísticas, história [...]*”. Nesse sentido, quanto maior o número de experiências vivenciadas entre moradores e turistas na interação com o outro e com o lugar, maior será a condição hospitaleira da cidade (PINHEIRO et. al., 2017).

Alguns sujeitos relacionam a hospitalidade como outras virtudes tais como: “*respeito, solidariedade, bom coração, não ter preconceitos, gostar de compartilhar, trocar, receber, dar atenção, importância, valorizar a diversidade, compartilhar vivências, trocar experiências*”. De acordo com Grinover (2012) a hospitalidade sempre implica valores de solidariedade e sociabilidade.

Poucos relacionam a hospitalidade à atividade comercial, destacando a limpeza e o bom atendimento dos estabelecimentos. Ressalta-se que a hospitalidade é um fenômeno que pode se manifestar no doméstico, no comercial e no público.

Conforme Fujita (2005, p. 42) “O entendimento da concepção da hospitalidade pode ser evidenciado por meio de dois ângulos: como um fenômeno social, que implica na cordialidade entre os indivíduos; e como uma atividade, que presta serviços aos clientes”. Segundo Garcia (2005), o ângulo da hospitalidade como fenômeno social é referente à escola francesa; enquanto o ângulo da hospitalidade visto como uma atividade comercial se relaciona à escola norte-americana.

Os idosos participantes compartilham uma visão ampla da hospitalidade enquanto fenômeno social que implica na ação de acolher o próximo e não somente como atividade comercial que se estabelece em ambiente comercial, como hotéis, restaurantes, pousadas, dentre outros.

De acordo com Dias (2002), a hospitalidade é híbrida e engloba diversos sentidos, mesclando comportamentos, atos, qualidades e virtudes como hospedar; acolher; recepcionar; ser gentil, generoso.

Os idosos consideram hospitaleira uma cidade que recebe e acolhe bem as pessoas. É recorrente os sujeitos relacionarem uma cidade hospitaleira com aquele que acolhe seus visitantes: “*Cidade hospitaleira é aquela que trata bem as pessoas que a visitam*”; “*É uma cidade que recebe bem seus visitantes, colocando a disposição sua cultura*”; “*Uma cidade hospitaleira é aquela que procura fazer de tudo para receber visitantes de outros municípios*”; “*Uma cidade que sabe acolher e esteja preparada para receber os visitantes*”. Para isso, é necessário que os moradores locais, os anfitriões “*praticuem a boa educação sendo gentis e colaborando para que os visitantes sintam-se bem*”.

Percebe-se que os sujeitos vinculam a hospitalidade de uma cidade ao turismo, ou seja, ao receber bem o visitante. Para Castelli (2006, p. 29) o turista deseja estabelecer contato com a população local, além de visitar os atrativos turísticos do local. Sendo assim, se essa população local não souber acolher bem o turista, esse último não verá a cidade como hospitaleira, porque a hospitalidade pressupõe o acolhimento, a atenção, a dedicação do anfitrião, no caso a população local, para com o hóspede ou turista.

Cruz (2002) enfatiza a interessante relação entre a hospitalidade e o turismo. E mostra ainda que o turista tem a percepção do local visitado a partir da hospitalidade sentida durante a estada.

[...] como o turismo envolve deslocamento de pessoas e sua permanência temporária em locais que não são o de sua residência habitual, há uma intrínseca relação entre turismo e hospitalidade. Todo turista está sendo, de alguma forma, recebido nos lugares. O que diferencia a experiência entre

um e outro turista no que se refere à hospitalidade é a forma como se dá o acolhimento no destino. (CRUZ, 2002, p. 68).

Outros idosos se referem também ao acolhimento e ao bem receber à comunidade local, às pessoas que vivem na cidade: “*A cidade que acolhe de maneira gentil, colocando seus recursos, a disposição de quem escolhe/precisa dela para viver*”. Para Camargo (2008):

[...] a hospitalidade urbana consiste de instâncias regidas pela dádiva e pelo negócio. O investimento estético [...] em ruas, praças, monumentos e infraestrutura de recepção e circulação, é uma manifestação regida pelo sistema da dádiva. A cidade se faz mais bonita e exibe sua beleza como dádiva aos que nela moram e aos que a visitam. Hospitalidade é um processo que envolve pessoas e espaços. (CAMARGO, 2008, p. 22)

Os idosos descrevem atributos entendidos como relevantes para avaliar se uma cidade é hospitaleira ou não. Os atributos citados são: informações: “*Saber tudo sobre ela, na medida em que diz respeito à vida e seu sentido*”, “*Locais para informar o que a cidade oferece*”; Acessibilidade; Infraestrutura; Equipamentos de lazer e cultura para todos os segmentos (Hotéis; restaurantes, Teatro, museus) e Limpeza.

Gandara (2008) ressalta que a infraestrutura e os serviços urbanos influenciam na imagem da cidade, por isso devem ser planejados de modo a qualificar as paisagens da urbe proporcionando aos seus usuários experiências e vivências de qualidade, uma vez que a percepção da cidade se dá de forma seriada dos pontos cotidianos ou de interesse de visitação.

A hospitalidade urbana está alçada na acessibilidade, legibilidade e identidade (GRINOVER, 2006). A acessibilidade, tanto física tangível (ligada ao sistema de transporte, de infraestrutura viária, e à localização do espaço das atividades ou serviços urbanos para os quais se deseja ter acesso) quanto virtual (vinculada à acessibilidade a cultura, ao lazer e a informação), está relacionada às possibilidades de acesso dos indivíduos a certas atividades ou serviços presentes na cidade, proporcionando a igualdade de oportunidades aos usuários urbanos.

No tocante à legibilidade, esta se refere à leitura, seja visual ou significativa, da cidade feita por seus habitantes. É pela legibilidade que a cidade é conhecida. Relaciona-se com a qualidade visual de uma cidade, a criação de uma imagem mental a qual é uma referência (GRINOVER, 2006). Quanto à identidade, Grinover (2006, p. 48) afirma que “a única possibilidade de construir a hospitalidade pressupõe a capacidade de conhecer a cidade como ela é, sobretudo de reconhecê-la como realidade”.

Acerca da hospitalidade urbana, Grinover (2013) destaca a qualidade de vida urbana como um elemento sustentador desta, salientando que a fluidez, limpeza, iluminação, a presença de áreas verdes e a disponibilidade de necessidades básicas constituem-se como indicativos de grau de satisfação e referenciais de inclusão social na melhoria da qualidade de vida.

Assim, os sujeitos da pesquisa identificaram como atributos de uma cidade hospitaleira a acessibilidade, a legibilidade, a identidade e a qualidade de vida, aspectos também apontados por Grinover (2013).

Um dos entrevistados foi bastante enfático ao destacar uma cidade hospitaleira como aquela em que seus cidadãos são respeitados, “*Uma cidade que trate com respeito o seus cidadãos*”. Outros relacionam uma cidade hospitaleira com a inserção dos diversos segmentos sociais (idades, gênero, etnias, classe social) na cidade, respeitando as diferenças e a diversidade: “*Que tem espaço pra todo mundo, todos os gostos, idades, que*

não discrimina”; “Uma cidade solidária com os seus e com quem a visita”; “Uma cidade amiga de todas as pessoas”.

O espaço da hospitalidade urbana é o espaço de uso comum, coletivo, que pode ser público ou privado. Nesse sentido, o espaço público é destacado por Severini (2013, p. 89) como o “espaço tradicional de uso comum das cidades, como as ruas, as praças, os largos, as avenidas etc. e que está sob a jurisdição do poder público podendo sofrer alterações físicas a qualquer instante em prol do bem comum”.

Os espaços públicos de Pelotas são bastante utilizados pelos participantes da pesquisa. Apenas três informaram que não têm o hábito de utilizar esses espaços na cidade de Pelotas. Percebe-se que o espaço público compõe o cotidiano de nossos sujeitos, mesmo que apontem a necessidade de melhores condições de segurança. De acordo com Cerqueira (2013) o medo da violência e a nova forma dos centros urbanos modificou a dinâmica dos espaços públicos, ocasionando a redução da convivência com a cidade e com as pessoas.

Para Matos (2010), o ordenamento dos espaços públicos caracteriza-se como um aspecto essencial para a revitalização e a qualidade de vida no meio urbano. A autora assinala ainda que a cidade se configura a partir de algumas características:

A cidade vibra pelo que se passa no exterior, o trânsito, o barulho, as ruas por onde circula uma população mais ou menos apressada, as praças, os jardins ou outros espaços que fazem parte da esfera pública, ocupados por diferentes utentes a horas diversificadas e que são essenciais à comunicação e socialização. (MATOS, 2010, p. 18).

De acordo com Silva (2011), os espaços públicos constituem-se lugares de interação social e recepção de variadas atividades individuais e coletivas primordiais para o funcionamento e identificação da cidade. Em sua concepção, o espaço público:

[...] abrange o espaço de uso coletivo, gratuito e administrado pelo poder público, nesse caso o município. Exerce função de grande importância em uma cidade. Tendo destaque para três utilidades: ecológica, estética e social. Estruturando e organizando a malha urbana. Definindo as suas condições de acessibilidade e a capacidade de mobilidade de pessoas e bens (circulação) e a aptidão para a realização de diferentes atividades. (SILVA, 2011, p. 11).

Os espaços públicos da cidade mais utilizados pelos idosos são as ruas e as praças. Alguns idosos especificam os espaços como: o Mercado Público de Pelotas; Parque Dom Antonio Zattera, Parque UNA, Praia do Laranjal, Biblioteca Pública, Parque da Baronesa; outros falam de maneira mais generalizada: centro da cidade, calçadão, praças diversas, caminhadas pelas ruas da cidade, prédios históricos da cidade, canteiros para caminhadas (Avenida Dom Joaquim, Bairro Areal, Avenida Duque de Caxias), centro histórico.

Foi possível verificar a relevância das praças para os idosos. Esta aparece como o espaço público mais lembrado. Silva e Elali (2015, p. 391) consideram que as praças “têm grande potencial para a socialização do público da terceira idade por serem espaços de uso comum que permitem uma integração à vida da comunidade por meio da troca de ideias e informações sobre os acontecimentos na vizinhança.”. Os autores continuam afirmando que “o acesso gratuito, irrestrito e universal, somado à possibilidade da participação de pessoas de diferentes condições sociais, faixas etárias e origens étnicas, permite maior possibilidade de trocas afetivas, sociais e culturais para todos os usuários.”. Essas características vão permitir aos idosos “interagir com outras pessoas, encontrar amigos, ver e serem vistos, conversar e realizar atividades em grupo”.

Além dos espaços públicos, os participantes destacaram espaços privados e semipúblicos, como supermercados, lojas, fruteiras, shopping, farmácias, bancos, postos de combustíveis, bares, estádio de futebol Bento Freitas, Fenadoce (Feira Nacional do Doce, que ocorre na cidade de Pelotas todos os anos), cinemas, museus, restaurantes, igrejas e transporte público. Para Grinover (2006, 2013) a hospitalidade urbana, além dos espaços públicos de livre acesso, também se refere aos espaços de “acesso controlado”, espaços comuns e de uso coletivo, que consistem em locais onde todos podem ter acesso, porém, nos horários de funcionamento e/ou mediante pagamento, como bares e restaurantes.

Os sujeitos da pesquisa utilizam espaços privados, alguns dos quais exclusivos para os mais velhos, porque, muitas vezes, não encontra na cidade espaços públicos para uma vivência e convivência seguras.

Outra reflexão oportuna aponta diferenças na qualidade entre espaços públicos e espaços privados abertos ao público, defendendo que os públicos permitem aos idosos uma vivência social mais rica: “*O espaços públicos de Pelotas têm um significado muito grande para as pessoas e para idosos, nos representa*”; “*Os idosos gostam de vivenciar a cidade, seus patrimônios*”. Como se sentem parte, esses espaços podem propiciar uma maior interação social entre as pessoas e destas com a cidade. Assim, os idosos relacionam uma cidade hospitaleira aquela que estimula a relação entre os indivíduos e destes com sua cidade, para que possam usufruir livremente dos espaços.

Idoso que caminha pela cidade, vivencia-a, atem-se aos seus caminhos, confunde-se e perde-se. Ao experimentar a cidade nos permitimos sentir seus ritmos, seus entornos, e assim, temos oportunidade de descobri-la e criar relações com ela.

Questionamos se na visão dos nossos sujeitos, Pelotas é uma cidade hospitaleira para os idosos. Poucos afirmam que Pelotas é hospitaleira; a maioria descreve Pelotas como pouco hospitaleira para com seus idosos.

A justificativa dos poucos que avaliam que Pelotas é hospitaleira com os idosos se refere a forma como são tratados: “*não há discriminação com quem é idoso*”; “*as pessoas são amáveis*”; “*há adesão de idosos a programas de atividade física e motivacional*” (provavelmente o idoso está se referindo ao projeto Vida Ativa, iniciativa do Município que leva atividades esportivas, de lazer e recreação para os diversos bairros da cidade, atendendo pessoas de todas as idades, entre elas, idosos); “*Entendo que tratamos bem os idosos, por sermos uma cidade muito tradicional e por termos uma população significativa de idosos*”.

Embora alguns idosos reconheçam que Pelotas é hospitaleira, a grande maioria sente que a cidade é pouco hospitaleira com os idosos. Justificam que a mesma não oferece espaços públicos para o lazer, para o convívio entre os idosos: “*Não vejo nada dedicado aos idosos*”; “*não tem espaço para os idosos*”; “*não sei de muitas atividades direcionadas a idosos ou se existirem não existe uma divulgação adequada*”; “*não oferece nenhuma atividade nem lazer para a terceira idade*”.

Justamente nesta fase da vida que há um aumento de tempo livre, Pelotas, conforme os sujeitos da pesquisa, não possui políticas públicas de inclusão do idoso na cidade, nos espaços públicos, em atividades sociais e culturais, o que oportunizaria uma maior convivência social, melhorando a qualidade de vida desse segmento social. É importante destacar que a Prefeitura Municipal de Pelotas, através do Projeto Vida Ativa (Lei nº 6.035/2013), oferece atividades sistemáticas e gratuitas de lazer e atividades físicas para a população de todas as idades, contando com a participação de muitos idosos. Severini (2013) destaca que a hospitalidade urbana deve ser utilizada como uma das formas de facilitação na aproximação e convívio do indivíduo com os outros.

Os idosos destacam que a cidade precisa ser mais hospitaleira com seus idosos: “*Entendo que precisa melhorar suas práticas de hospitalidade para esse público*”; “*Na minha*

visão deixa a desejar. Poucas ações do poder público para atender esse segmento”. “O lazer quando existe é por iniciativa de voluntários”; “Precisa dar mais atenção a essa parcela da população”.

Os participantes ainda indicaram a segurança como uma condição indispensável para que os idosos possam usufruir da cidade e esta ser considerada uma cidade hospitaleira.

Um aspecto relevante refere-se às restrições de mobilidade para os idosos: “*O idoso não consegue se deslocar sozinho com facilidade*”; “*não há acessibilidade*”; “*o estado geral das calçadas e das ruas*”, “*pisos ruins*”, “*o trânsito caótico*”, “*transporte público inadequado*”, tudo isso não permite a autonomia do idoso.

A acessibilidade está relacionada às possibilidades de acesso dos indivíduos a certas atividades ou serviços presentes na cidade, proporcionando a igualdade de oportunidades aos usuários urbanos (GRINOVER, 2006). Assim, uma exclusão vai levando a outras, a falta de acessibilidade não permite que os idosos tenham a oportunidade de utilizar uma série de espaços e de serviços que a cidade oferece.

Também relatam a inadequação do mobiliário urbano, a falta de equipamentos, tais como bancos, rampas e iluminação nos espaços públicos. A seguir, alguns trechos que ilustram essa questão: “*Falta informações, não tem espaços para sentar, conversar, tomar chimarrão*”. “*Não tem espaço para os idosos viverem a cidade, se socializar, se distrair, conversar, jogar, etc.*”. Nesse sentido, conforme os sujeitos, em Pelotas existem poucos espaços públicos que ofereçam as condições mínimas para essas possibilidades de interação social para os idosos.

Essas concepções se aproximam do entendimento de Silva (2011), já citado, que considera que os espaços públicos devem propiciar a acessibilidade para todos os cidadãos, para que possam interagir livremente.

A criação desses espaços específicos e qualificados justifica-se também pela necessidade de conferir status social aos idosos, de forma que eles possam desenvolver o sentimento de pertencer à sociedade. O reconhecimento da existência do ser, conferindo status social, contribui para a socialização do ser humano e para sua qualidade de vida (BULLA; SOARES; KIST, 2007).

Nesse sentido, podemos retomar Guerrier (2000) que compartilha desta perspectiva e destaca que a hospitalidade imbrica um amplo conjunto de serviços e atitudes intrinsecamente relacionados que propiciam o bem-estar ao outro.

Para reverter a situação, os sujeitos apontam algumas possibilidades como melhorias nos espaços públicos, melhores condições de segurança, acessibilidade adequada, diversidade de opções para atividades de cultura e lazer, estrutura para permanência como bancos, mesas e sombras, que possibilitem a ida e permanência dos idosos nesses espaços, a interação com outras pessoas, o encontro entre amigos, o ver e ser visto, as conversas e a realização de atividades em grupo e o fortalecimento de laços sociais.

Facilitar aos mais velhos o convívio com a sua cidade, não segregando-os, não criando espaços exclusivos, mas sim, espaços para todos os segmentos sociais, independente de cor, gênero, faixa etária, deficiência ou dificuldade física ou mental, menos favorecidos, ou seja, um espaço livre e compartilhado por todos, é o que consiste em uma cidade hospitaleira.

Para Pinsky e Pinsky (2003), ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à igualdade, e gozar de todos os direitos inerentes a um espaço urbano e a hospitalidade. Desse modo, compreende-se que “o estudo da hospitalidade pode resgatar o valor de vínculo também entre os seres humanos e suas trocas” (PLENTZ, 2005, p. 67). Logo, a hospitalidade deve, como tal, ser potencializada em todas as suas modalidades e em todos os seus contextos de vida (BAPTISTA, 2002). Grinover (2013), afirma que a cidadania é um tema fundamental para entender a hospitalidade como processo social e antropológico em espaços urbanos.

Os idosos também destacam que Pelotas prioriza o jovem: “*Existem poucos espaços propícios para a terceira idade, a maioria é destinada aos mais jovens*”. A representação dos idosos na cidade é percebida por eles como uma forma de discriminação que, por sua vez, é produzida pelo único fato de serem mais velhos.

Todavia, se, por um lado, os sujeitos explicitam como os idosos são vistos, de outro, reafirmam a necessidade de uma mudança de comportamento: “*Os idosos poderiam ser melhores acarinhados pelas pessoas da cidade, mais respeito no trato pessoal*”.

Os idosos reafirmam a necessidade do reconhecimento do seu lugar na cidade, reivindicando seu espaço no urbano. Para eles, a cidade é um espaço também construído pelos idosos, mas sua participação nesse processo não é reconhecida, muito pelo contrário: a cidade “*Dispõe aos visitantes, sua história e cultura, que nós construímos!*”.

É mais que justo que nessa etapa da vida esse cidadão, depois de anos trabalhando, contribuindo e gerando renda, possa usufruir da cidade em sua plenitude por possuírem mais tempo livre. Os espaços públicos e equipamentos de lazer se fossem mais acessíveis a esta parcela da população, seriam muito utilizados.

Segundo Puppi (1981), a existência de espaços públicos abertos garante a qualidade de vida dos habitantes de uma localidade. Além disso, segundo Grinover (2007) os espaços públicos expressam a cidade em sua forma arquitetônica e social, bem como propiciam sociabilidade.

Para Lopes (1999, p. 20), os espaços públicos se caracterizam como “lugares de vida e de sociabilização, e que, uma vez abertos a todos, representam áreas de liberdade e de democracia”. Sendo assim, é imprescindível que haja um sistema que possibilite a comunidade o usufruto dos espaços públicos igualmente. Nesse sentido, Beni (2007) considera que há a necessidade de se buscar a qualidade dos espaços públicos, através da interpretação das necessidades sentidas pela sociedade, incluindo os idosos.

Casella (2006) complementa dizendo que a reorganização de espaços públicos ou privados deve ser empreendida visando o resgate do sentimento de coletividade e de responsabilidade compartilhada entre a sociedade e o poder público, pois a partir desta premissa, será possível a construção ou reconstrução de laços de afetividade com as cidades, algo essencial ao desenvolvimento da hospitalidade.

Para esse grupo, ser idoso em Pelotas é também “*ser só*”; “*ser invisível*”. Assim, a cidade aparece para eles como um ambiente de poucas oportunidades de acesso: “*A cidade fica de costas para o idoso, deixa ele sozinho. Nem os lugares que a gente costumava ir não pode mais. Gostaria de poder caminhar pela cidade, ver com calma os lugares, lembrar o que vivi em cada um deles*”; “*Pelotas ainda não se preocupa, não enxerga o idoso*”; “*Não percebo nenhuma preocupação especial para com os idosos*; “*Falta muito pro idoso. Pobre então nem se fala! Falta tudo!*”; “*Somos excluídos de tudo*”; “*Não temos acesso a cidade, a políticas públicas, nossa participação é quase nula*”. *Somos vistos como um fardo para a cidade*”; “*Invisíveis*”.

Pode-se ler nas entrelinhas que a invisibilidade diz respeito ao esquecimento, à hostilidade. Os idosos descrevem a cidade como hostil para com os idosos. Deste ponto de vista podemos pensar na hostilidade como um movimento de fechamento perante pessoas ou grupos não homogêneos, ou seja, contrário à hospitalidade que seria a abertura ao outro.

Conforme Boff (2005) a hospitalidade é uma das virtudes necessárias para o mundo atual:

Agora, nunca como antes, faz-se urgente a hospitalidade, a mútua acolhida, a abertura generosa que supõem o despojamento dos conceitos e pré-conceitos. Só assim captamos as diferenças como diferenças e não como desigualdade e inferioridade ou como mero prolongamento daquilo que é nosso. (BOFF, 2005, p. 37).

Percebe-se que os idosos se ressentem de não encontrarem na cidade de Pelotas condições de gozar de uma vida saudável e digna. Muitos gostariam de usufruir dos espaços públicos, de convivência, onde pudessem partilhar com outras pessoas, exercendo sua cidadania. Essa participação nos espaços públicos permitiria maior possibilidade de trocas afetivas, sociais e culturais para todos.

Hospitalidade Urbana está ligada ao ato de acolhimento, boas maneiras, cortesia, da cidade. Possibilitando, assim, moradores e turistas vivenciarem experiências na interação com o outro e com o lugar. Desta forma, pode-se dizer que quanto mais experiências vivenciadas, maior será a condição hospitaleira do espaço. (PINHEIRO et al. 2017, p. 84-85)

Um dos entrevistados ressalta que Pelotas não é nada hospitaleira com os idosos e descreve a cidade como preconceituosa, *“Eu sou de cor e sei bem como é!”*. Ressaltamos que a cidade de Pelotas se desenvolveu economicamente no século XIX baseada na atividade charqueadora que utilizava a mão de obra escrava. A hospitalidade supõe a superação dos preconceitos e confiança quase ingênua, mas indispensável para que a hospitalidade e a convivência sejam verdadeiramente hospitalidade e convivência sem constrangimento (BOFF, 2005).

Camargo (2015) destaca que a hospitalidade apesar de surgir em meio a uma constelação semântica de termos como sociabilidade, solidariedade, caridade, amor, pode não existir ou ausentar-se, implicando na coexistência de termos como inospitalidade, hostilidade, violência, entre outros. Para o autor, a hostilidade é o resultado de um encontro inospitaleiro. Apesar disso, o autor ilustra alguns exemplos: se em um encontro que se pretendia entre amigos, alguém é injuriado ou caluniado; se, ao adentrar uma cidade, alguém se sente discriminado por cor, raça ou origens; se ao visitar um amigo, alguém se sente menosprezado ou se, ao adentrar uma cidade numa viagem turística, ele não encontra uma sinalização que lhe permita chegar com facilidade ao destino, a hostilidade que se experimenta simplesmente traduz-se em desejo de não voltar mais, etc..

Em contrapartida à inospitalidade, Grinover (2013) afirma que a cidadania é um tema fundamental para entender a hospitalidade como processo social e antropológico em espaços urbanos.

Alguns idosos ainda destacam que Pelotas é uma cidade hospitaleira para os turistas, mas não para os idosos: *“Pelotas valoriza o patrimônio porque tem valor de mercado, mas não valoriza as pessoas”*; *“Hospitalidade só pros outros”*. Nesse sentido, se faz necessário repensar e valorizar a comunidade local. Denardin e Silva (2012, p. 3-4), destacam que *“Para dar valor e visibilidade aos hábitos e costumes dos moradores, a cidade precisa de organização e ordenamento de lugares coletivos, bem como necessita de espaços que propiciem o acolhimento, envolvimento e hospitalidade”*.

Uma experiência turística só será bem percebida, bem vivida, se o indivíduo for capaz de interagir de forma direta com o local, com as pessoas, com o espaço e com a cultura do lugar visitado.

Para Wada, Cavenaghi e Salles (2015, p. 99), *“a discussão sobre a hospitalidade nas cidades constitui importante contribuição ao entendimento da vida social contemporânea”*. A hospitalidade deve suplantar a hostilidade, e o respeito mútuo entre o turista e a comunidade local deve imperar. Neste contexto, a forma de vida, os costumes e as crenças dos autóctones também fazem parte do patrimônio local e enriquecem a experiência da viagem (GRINOVER, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas sobre hospitalidade vêm ganhando destaque nos meios acadêmicos, despertando a reflexão em diversos cenários. Com o propósito de ampliar o conhecimento sobre a hospitalidade na cidade de Pelotas, realizamos este estudo especificamente com sujeitos em processo de envelhecimento. Entendemos que a cidade deve proporcionar aos seus moradores a hospitalidade enquanto uma condição de cidadania.

Os idosos entendem a hospitalidade como o ato de bem receber, acolher, principalmente o ato de receber bem ao visitante, mas também com o acolhimento e o bem receber a comunidade local, as pessoas que vivem na cidade, ou seja, pensar em uma cidade hospitaleira representa acolher seus visitantes, vinculando a cidade ao turismo, mas também acolher ao morador.

Uma cidade hospitaleira ou não pode ser avaliada a partir de diferentes atributos, sendo o principal deles, a capacidade que possui de possibilitar ao idoso o trânsito e a livre fruição da cidade. Em Pelotas, assim como em outras cidades brasileiras, muitas barreiras à acessibilidade dos idosos são identificadas, como a falta de mobiliário urbano adequado para a permanência e convivência dos idosos nos espaços públicos, a falta de manutenção das calçadas, a falta de informações, insegurança, falta de equipamentos de lazer e cultura e limpeza. Outra barreira é aquela imposta pela própria sociedade, ao excluir parcelas dela, como, neste caso, os idosos, que, muitas vezes são invisibilizados, desconsiderados pela população e pelo poder público.

Os espaços públicos de Pelotas são bastante utilizados pelos participantes da pesquisa. Assim, esse espaço faz parte do cotidiano de nossos sujeitos, sendo as ruas e as praças os mais utilizados.

Para os idosos uma cidade hospitaleira é aquela que estimula a relação entre os indivíduos e destes com sua cidade. Descrevem Pelotas como pouco hospitaleira para com seus idosos por não oferecer espaços públicos para o lazer, para o convívio com segurança, acessibilidade, mobiliário urbano adequado. Reivindicam que a cidade seja mais hospitaleira com seus idosos, facilitando a eles o convívio com os outros e com a cidade, não segregando-os, uma vez que a hospitalidade está ligada ao ato de acolhimento a todos.

Talvez tenhamos que repensar, a partir da hospitalidade, nossas ideias sobre o processo de envelhecimento, como ele pode ser vivenciado e como a cidade se relaciona com esse processo. As cidades devem incentivar e criar condições para que os idosos vivam melhor com vistas ao seu protagonismo, assegurando a participação desse segmento social, melhorando a integração do idoso na cidade e na sociedade.

A hospitalidade supõe a acolhida; é uma das leis superiores da humanidade, é uma lei universal. Acolher é permitir, sob certas condições, a inclusão do outro no próprio espaço. A hospitalidade, como diz Jacques Godbout (1997), é um dom do espaço; espaço a ser lido, habitado, atravessado ou contemplado. (GRINOVER, 2006, p. 32).

O estudo apresentou algumas limitações. Este estudo descreveu a hospitalidade em Pelotas a partir de um grupo específico de idosos a partir da sua disponibilidade de uso da *internet* e da rede social *Facebook*, não trabalhando com os demais segmentos sociais, conseqüentemente, não é possível estender os resultados a população de Pelotas. Outra limitação é o número de participantes, o que permite considerar os resultados encontrados apenas para o grupo em questão. Mesmo assim, é possível demonstrar algumas considerações importantes sobre o espaço público de Pelotas e a hospitalidade, sendo este um primeiro passo para entender a hospitalidade da cidade de Pelotas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, Isabel. Hospitalidade e eleição intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano V, n.2, 2008.
- BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: Editora Senac, 2007.
- BOFF Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível – Hospitalidade: direito e dever de todos**. Petrópolis: Vozes; 2005.
- BRASIL. **Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994**.
- BULLA, Leônia Capaverde; SOARES, Érika Scheeren; KIST, Rosane Bernadete Brochier. **Cidadania, pertencimento e participação social de idosos – Grupo Trocando Ideias e Marinê das Duas: Cine Comentado**. Brasília, 2007. Acessado em 15 mar. 2020. Online. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/262/139.
- CAMARGO, L. O. L. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.
- _____. **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- _____. A pesquisa em hospitalidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, ano V, n. 2, p. 15-51, jul.- dez. 2008.
- CASELLA, Luana L. de Camargo. Hospitalidade dos Espaços Públicos: possibilidades e dificuldades em torná-lo acolhedor. **Revista Hospitalidade**, v. 3.2006.
- CASTELLI, G. **Hospitalidade na Perspectiva da Gastronomia e da Hotelaria**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- CERQUEIRA, Y. **Espaço público e sociabilidade urbana: apropriações e significados dos espaços públicos na cidade contemporânea**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 121f. Natal, 2013.
- CRUZ, R. C. A. Hospitalidade turística e fenômeno urbano no Brasil: considerações gerais. In: DIAS, C. M.M. **Hospitalidade – reflexões e perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.
- DENARDIN, Vanessa Cibele Cauzzo e SILVA, Adriana Pisoni da. Paisagem Urbana e Hospitalidade Pública – Um Estudo em Praças de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Trabalho apresentado no VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, Caxias do Sul RS, 16 e 17 de setembro de 2012.
- DIAS, C. M.M. **Hospitalidade – reflexões e perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.
- FERRAZ, Valéria de Souza. **Hospitalidade urbana em grandes cidades. São Paulo em foco**. Tese de Doutorado. FAU USP. São Paulo, 2013. Acessado em 10 mar. 2020. Online Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/td-10072013-161802/pt-br.php>
- FUJITA, Dennis Minoru. Hospitalidade nos cruzeiros marítimos no litoral brasileiro: estudo de caso da Companhia Costa Cruzeiros. Dissertação de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, 2005. Acessado em 10 mar. 2020. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do>
- GANDARA, José Manuel Gonçalves. A imagem dos destinos turísticos urbanos. *Revista Turismo Cultural*. USP. Número Especial. São Paulo: 2008. Acessado em 02 mar. 2020. Disponível em < <http://www.eca.usp.br/turismocultural/aimagem.pdf>>
- GARCIA, Patricia Oliveira. **Hospitalidade empresarial e negócios na cidade de São Paulo**. Dissertação de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, 2005.
- GRINOVER, L. **A hospitalidade, a cidade e o turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.
- GRINOVER, Lucio. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, ano III, n. 2, p. 29-50, 2. sem. 2006.
- _____. A hospitalidade na perspectiva do espaço urbano. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, ano VI, n. 1, p. 04-16, jan.-jun. 2009.

GRINOVER, Lucio. Patrimônio, Identidade, Território e Hospitalidade. Notas para a compreensão da cidade contemporânea. In: **SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO**, IX. 2012, São Paulo. Anais [...] São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2012, p. 16-24.

_____. Hospitalidade, Qualidade de vida, Cidadania, Urbanidade: Novas e Velhas Categorias para a Compreensão da Hospitalidade Urbana. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**, Penedo, vol. 3, n. 1, p. 16-24, 2013.

GUERRIER, Y. **Comportamento Organizacional Em Hotéis E Restaurantes – Uma Perspectiva Internacional**. São Paulo: Futura, 2000.

JUNQUEIRA, Rosemeire Rodrigues; REJOWSKI, Miriam. **Produção científica sobre hospitalidade urbana no Brasil: Anais de Eventos científicos de 2004 a 2009**. VII Seminário de Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo. UAM, São Paulo, 2010.

LOPES, Antônio Mendes. **Os Espaços Públicos (de Lazer) na Cidade: Emergência de Novas Práticas e Vocações Territoriais**. Jornal "A página", nº 83, Ano 8, setembro de 1999.

MATOS, Fátima Loureiro de. Espaços públicos e qualidade de vida nas cidades – o caso da cidade Porto. **OBSERVATORIUM - Revista Eletrônica de Geografia**, v. 2, n. 4, p.17-33, jul. 2010.

PINHEIRO, P. M. de S.; BASTOS, T. R.; CALDAS, L. da C.; DUTRA, C. O. **Hospitalidade urbana do centro histórico de Pelotas/RS**. Applied Tourism. Vol. 2, n. 3, p. 79 – 93, 2017.

PINSKY, J.; PINSKY, C. B. **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

PLENTZ, R. S. Hospitalidade: trocas humanas versus trocas mercadológicas. **Revista Hospitalidade**, v. 2, n. 2, p. 47-68, 2005.

PRADO, J. do; FRANCO, P. dos S. **A hospitalidade e a cordialidade: reflexões sobre o Brasil**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/62319705/A-Hospitalidade-e-Cordialidade2>>..

PUPPI, I. C. **Estruturação sanitária das cidades**. São Paulo: CETESB, 1981.

SEVERINI, Valéria Ferraz. Hospitalidade Urbana: Ampliando o Conceito. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**. Penedo, v. 3, n. 2, p. 84-99, 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>.

SILVA, E. A. R., & ELALI, G. A. O papel das praças para o envelhecimento ativo sob o ponto de vista dos especialistas. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 10(2), 382-396, 2015.

SILVA, I. M. **Análise dos Espaços Públicos do Município de Varginha – MG**. Trabalho de conclusão de curso. 39f. Universidade Federal de Alfenas. Alfenas. 2011.

WADA, E. K.; CAVENAGHI, A. J. & SALLES, M. R. R. O marco comparativo e teórico dos estudos de hospitalidade no Brasil. **Revista Hospitalidade**, 12 (n. especial), 93-111, 2015.